

Terceira Ponte, uma obra de significado econômico e social para os capixabas

“O nosso metrô é a Terceira Ponte”, afirma o governador

GOVERNO
CAMATA

84/85

CETERPO

Numa cidade com as condições topográficas de Vitória, e com a necessidade de integração da capital com Vila Velha, Cariacica e Serra, nosso metrô é a terceira ponte, que permitirá a ligação em poucos minutos, com facilidades de acesso entre os quatro municípios que compõem a Grande Vitória. A afirmação é do governador Gérson Camata, responsável pelo grande esforço que representa o reinício das obras da Terceira Ponte, depois de permanecerem cinco anos paralisadas.

O governo do Estado constituiu a Ceterpo, empresa responsável pela administração da obra e pelo acompanhamento dos trabalhos das empreiteiras. O comando da Ceterpo foi entregue ao engenheiro João Luis Tovar, presidente do Sindicon (Sindicato da Indústria de Construção Civil do Espírito Santo), que aceitou a missão para dar sua contribuição à execução da obra mais importante que a engenharia já fez no Estado. Ele destaca o papel desempenhado pelo governador e pelo presidente do Senado, Moacir Dalla, junto aos órgãos federais, numa ação conjunta que ficou acima de divergências políticas e siglas partidárias, “pois a Terceira Ponte como estava era um esqueleto em deterioração que realmente trazia uma impressão horrível para a cidade”.

VIABILIDADE

É o próprio Tovar quem explica a viabilidade da obra: “A primeira justificativa era o impacto negativo que a obra causava à cidade e ao Estado. Durante o processo de negociações com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social os técnicos me perguntaram por mais de uma vez, se o Estado iniciaria a obra novamente. Eu acreditei que não, falando por mim e pelo governador, pois conversei com ele sobre o assunto longamente. A época recessiva de hoje, não permitiria o início de uma obra desse porte este ano. Mas o capixaba não aceitava que o Espírito Santo continuasse

sendo colocado de lado em relação ao resto do Brasil”.

Tovar diz que a Terceira Ponte “não é uma obra faraônica”, como muitos afirmaram. “Trata-se, efetivamente, de uma obra necessária que vai dar à Grande Vitória um outro impacto, pois a integração Vitória-Vila Velha realmente vai mudar a estrutura físico-urbana da Grande Vitória. O desenvolvimento integrado no sentido norte-sul, tão logo a ponte esteja concluída, partindo da Serra e indo até Guarapari, vai alterar profundamente a estrutura da região. O centro de Vitória vai ficar assim como um canto da cidade, e o desenvolvimento vai se dar, a exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro, ao longo da Rodovia do Sol” declarou.

Para o presidente da Ceterpo, a tendência efetiva de mudança na estrutura físico-urbana transformará a região que vai de Itaparica até Guarapari numa zona residencial importante, ficando na Serra a concentração industrial e os conjuntos habitacionais para trabalhadores, com a terceira ponte sedimentando esta vocação natural. Mas Tovar não fica nisso e dá uma resposta direta para os críticos da obra: “De uma maneira geral, o capixaba pensa muito pequeno. Ele acha que, com isso aí, o Estado conseguiu muito mais do que estávamos querendo ou precisando. Acho, entretanto, que outros Estados conseguiram muito mais do que nós, e isto passou quase despercebido. Então, fica parecendo que os recursos que conseguimos são uma coisa do outro mundo”.

—É uma obra que não se pediu para começar. Foi o próprio governo federal quem a iniciou numa época de ouro, e a obra, no ponto em que a pegamos agora, está 35 por cento construída. Estava se perdendo por deterioração parte do que se fez, numa progressão geométrica. Quem tor ainda hoje ver a ponte do lado de Vila Velha, vai constatar que, se aquelas ferragens continuassem expostas, tudo iria se acabar. Além disso, o Estado continuava pagando juros altos do em-

préstimo inicial de 30 milhões de dólares, que hoje está em 90 milhões ou mais. Ou seja, pagava juros de uma coisa sem uso. Acho que só este fato explica a viabilidade de conclusão da ponte — afirmou Tovar.

EMPREGOS

O reinício das obras serviu também para amenizar a crise social, com absorção de mão-de-obra capixaba abalada pelo desemprego que se registrou em todo o país. A Terceira Ponte gera empregos diretos e induz a geração de muitos outros indiretos. Só até janeiro, 550 pessoas foram admitidas entre operários e pessoal administrativo. Em fevereiro, mais 500 pessoas serão contratadas e em março, outras 500. Em abril/mayo, cerca de 650 pessoas serão admitidas, quando se dará o maior pique da obra neste primeiro semestre, totalizando 2.200 empregos diretos.

Quanto aos empregos indiretos, muitos fornecedores de material da obra tiveram que contratar mais empregados e o próprio presidente da Ceterpo relata os contatos que tem mantido com empresários que começam a programar investimentos em Vila Velha, que certamente irão gerar novos empregos, induzidos pela Terceira Ponte. “Todo mundo — afirma Tovar — quer saber se a obra agora vai valer, quando estará concluída, quando Vila Velha vai se tornar um prolongamento da Praia do Canto. Muita gente vai querer investir na medida em que a ponte avançar. A construção civil também vai fazer investimentos maciços em Vila Velha, a exemplo do que ocorreu em Camburi na década passada. E tudo isso vai exigir também a ação dos pequenos empresários, que vão abrir padarias, farmácias, bares, hotéis e outros empreendimentos que vão ampliar o mercado de trabalho. Por isto, é difícil precisar um número exato de empregos indiretos que a ponte vai gerar”.

RECURSOS

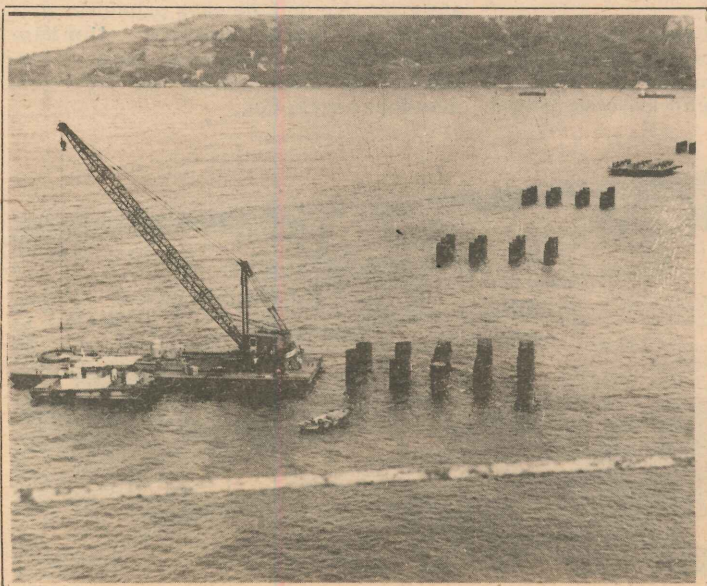
— O prazo da obra é 24 meses, se não

faltar dinheiro. Mas a única possibilidade de não entregarmos a ponte pronta no final do governo Camata é não haver a transferência dos recursos pelo governo federal. Mas não acreditamos que isto ocorra, pois 50 por cento dos recursos virão a fundo perdido, conforme está no orçamento da União deste ano, e os outros 50 por cento estão sendo gerados através do empréstimo que contratamos junto ao BNDES, do qual já recebemos uma parcela — explica Tovar.

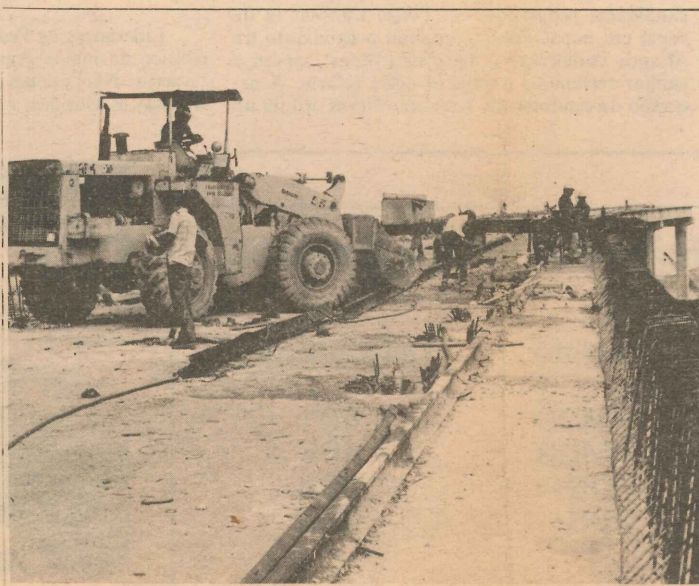
Afirma ainda que o financiamento do Finame para a estrutura metálica do vão central já está assinado, tendo o Banestes como agente repassador. Agora, quer apenas a assinatura de um convênio entre o Estado e a Secretaria de Planejamento da Presidência da República, para no momento receber já uma parcela dos recursos a fundo perdido. Segundo Tovar, a fase inicial da retomada da Terceira Ponte consistiu na arrumação do canteiro, recuperação da ferragem exposta que estava se deteriorando e o reinício dos serviços de concretagem. “Agora, vamos começar a entrar no mar, a fazer pilares, para realmente deslanchar os serviços”, declarou.

— Numa obra desse porte — adianta — podem ocorrer problemas quando se crava uma estaca e se encontra um tipo de rocha que não dá a sustentação necessária. Mas temos os trabalhos no fundo do mar quase concluídos. Da base dos pilares para cima, não há imprevisto que possa atrasar a obra por problema geológico.

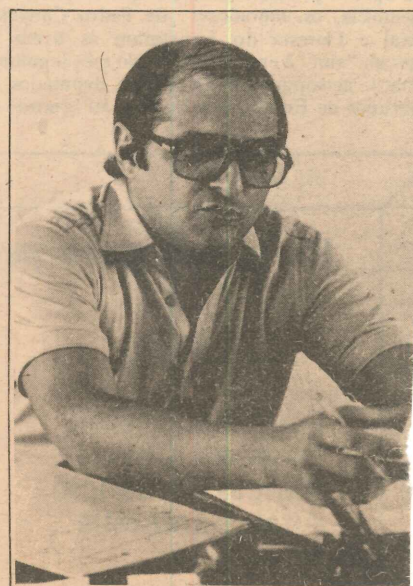
Disse também que se sentiu gratificado com o convite que recebeu do governador Gérson Camata para presidir a Ceterpo. “Foi um desafio muito grande aceitar, é uma honra poder presidir a conclusão de uma obra tão importante para o Estado, mesmo que isto represente prejuízo financeiro pessoal para mim, já que nesses dois anos não poderei dar atenção aos meus negócios particulares. Mas é claro que esta é uma marca importante no currículo de qualquer engenheiro”, concluiu.



A ponte avança para o mar...



... mobilizando operários e máquinas pesadas...



... sob o comando de Tovar